

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

**ELEMENTOS VÍTREOS DA PSICOLOGIA DE AMBIENTE: MARCAS D’ÁGUA DA  
POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS NA HOLOGRAFIA CRULSIANA DE MISTÉRIO E  
ASSOMBRAMENTO**

MAIA, Cláudio Silveira<sup>1</sup>

[Está escrito em Mateus, e seriam palavras do próprio Deus:] “Ao que tem, se lhe dará, e terá em abundância. Ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado” (BÍBLIA, cap. 13, vers. 12).

Os pântanos da decadência vicejavam com o *frisson* universal das “flores do mal” de Baudelaire, além de também nutrirem-se de outras produções artísticas e manifestos críticos do próprio Baudelaire e de decadentes do mundo inteiro – todos maravilhados do fecundíssimo material psíquico-biológico que produziria os filhos vencidos da vida do entre séculos XIX-XX. Com efeito, o decadentismo reporta o fim da epopeia burguesa, dando à luz um herói morto: o burguês neurastênico que adentra o século XX. Este promoverá cem anos de estupendo avanço tecnológico nas ciências exatas e biológicas, bem como na indústria em geral; cem anos de fundação e alastramento de mega grupamentos urbanos como São Paulo, Tóquio, Nova York; mas, sobretudo, cem anos marcados por guerras catastróficas e tragédias sociais humanas e ambientais sem precedentes na história.

O avatar de tamanha comoção do ambiente e do espírito humanos, ainda à soleira dos anos que pressagiarium o holocausto e a hecatombe nuclear, propicia o nascimento de um sujeito entranhado pelo pessimismo e pela descrença, uma vez que então se revelavam esgotadas, quando já não ridículas, todas e quaisquer crenças quanto à construção de uma relação harmônica duradoura entre os homens; principalmente porque antigas feridas, especialmente as de natureza religiosa, étnica, política e econômica continuavam abertas e a serem esgravetadas. A propósito, recresciam naquele tempo o antisemitismo, a ojeriza aos árabes muçulmanos, as tensões entre capitalistas e os insurgentes comunistas, o separatismo

---

<sup>1</sup> Professor Doutor e Mestre em Estudos Literários, autor, colaborador e revisor dos textos publicados neste Caderno. Diretor de Ensino da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Guarantã do Norte-MT; claudio@ajes.edu.br.

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

entre católicos e protestantes, a segregação racial, o chauvinismo – e ainda particularismos como a instauração de ditaduras e a formação de facções criminosas as mais diversas. No Brasil e outras ex-colônias, além de as pessoas estarem às voltas com a escaramuça que lá de fora repercutia internamente, tinham de se haver com influências estrangeiras mais ousadas, ao que perfilaram-se e propagaram as investidas neocoloniais. Como se isso não bastasse, ainda ter-se-iam, desde aqueles tempos transeculares remontados aos primórdios da colonização tradicional e salvo-condutos até os dias de hoje, com a corrupção compulsiva, o coronelismo, o preconceito de cor, a discriminação de culturas, o curralismo eleitoral, a exclusão econômica social e institucional, enfim, com ainda tantos outros idioletos, tanto mais sem sentido, à medida que o conhecimento avançava e desautorizava tabus. Como esperar dessa conjuntura nacional-global um mundo no qual a realização dos sonhos e o respeito a direitos humanos elementares sejam possíveis? Desde o cimo do século XIX, conquanto, esperava-se ruírem os escombros com que remendaram a velha civilização debruçada sobre a sensatez, mascarando-a como nova e moderna. De fato, Baudelaire não se engalanara com as aparências dos *novos tempos*, em que a “performatividade política repete o racismo aristocrático arcaico do *ancien regime*” (BHABHA, 2001, p. 337):

Perdido neste mundo vil, acotovelado pelas multidões, sou como o homem fatigado cujos olhos não veem no passado, na profundidade dos anos nada além do desengano e da amargura, e, à sua frente, senão a tempestade, onde não está contido nada de novo, nem ensinamentos nem dores (BAUDELAIRE, 1995, p. 515).

Por tudo isso, insubmissos e solitários como Augusto dos Anjos e Gastão Cruls não puderam se furtar do encontro nas ameias divinas do decadentismo, ao que o Nirvana significava, para artistas como eles, uma contracção da realidade àquele tempo maquiada pela indumentária positivista, sem dúvida de um positivismo infundado, ainda mais porque se alastrava no seio desta mesma sociedade a chaga determinista (Spencer). Naturalmente, Cruls e dos Anjos comparecem entre cultores e demiurgos da *bela-arte* literária de exposição, crítica e delação do sistema burguês-elesiástico vigente nos primeiros anos da República no Brasil, esmiuçando traços da psique da gente brasileira e da ambiência territorial envoltas pelo referido sistema, o qual é entendido pela crítica pós-colonial como conivente e benéfico para com o processo de neocolonização então em curso no mundo. Assim, trata-se de artistas que rememoraram o passado, sentiram o presente e anteviram o futuro, atomizando-os numa literatura crucial do instante. Tal se parece, pois, em cada imagem da poética augustiniana, e, respectivamente, na narrativa de Gastão Cruls, como na passagem de Paulo sumindo-se noite afora levado pela morte em “O noturno n° 13”, ou na sugestão que faz doer o desespero dos neurônios da personagem Carlos, ao compreender-se o sujeito paciente de um episódio macabro: o de ser infectado pela morfeia de um modo tão prazeroso, de fato, como se fosse um sonho erótico delicioso, maldosamente acordado, e revelando o sonhador tramado nas

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

teias de um pesadelo real em “Noites brancas”. Todavia, que não se fie nessas imagens uma estampa da loucura:

Uma visão clara e completa da essência da loucura, um conceito preciso e nítido que diferencia o louco do homem são, a meu saber ainda não se encontrou. Nem razão, nem entendimento, podem ser negados aos loucos, pois eles falam e entendem, com frequência raciocinam com justeza; também, via de regra, encaram o presente corretamente e reconhecem a conexão entre causa e efeito. Visões, assim como os delírios febris, não são um sintoma usual da loucura. O delírio falsifica a intuição; a loucura, os pensamentos (SCHOPENHAUER, 1999, p. 43).

Bem, poder-se-ia continuar enumerando, mas isso nublará as análises que doravante serão desenvolvidas. *Ad referendum*, o entranhamento da poesia de Augusto dos Anjos na prosa de Gastão Cruls, ou vice-versa, compõe um quadro da simbiose fatal e plangente entre *sinaes* do simbolismo e do decadentismo ambientados no Brasil.

Germinado do imbróglio que convergiu realismo e naturalismo no plano impressionista, em que então se decantam as observações científicas da realidade ao lado de uma linguagem filosófica, o advento decadentista propicia, pois, um *sobre-realismo*; isto é, um realismo mais fortemente sentido, cujas imagens podem ser percebidas com maior clareza e definição, tornando-se ícones de uma transfiguração mais próxima da impressão exata.

Assim, na melhor expressão de Paul Bourget<sup>2</sup> (apud MOISÉS, 1970, p. 249), a expressão literária no decadentismo é uma incursão nos campos de neurônios das personagens, que revela contrastes irreconciliáveis entre a vontade e o convencionalismo moral. A propósito, paira no ar uma resina que impregna maldições e tormentos ao irresistível desejo de pecar, porque o pecado é bom e trágico. A noite nos corações humanos é a bruma interior de maldade e frustração arranhada no fiar dos mensageiros decadentes, que descobriram no movimento estético da decomposição a fôrma indefinida e crua na qual incrustariam o limo das desintegrações metapsíquicas do ser. Com efeito, a arte decadentista é o firmamento com escuras nuvens que andam (nefelibatismo) e concorrem para o cerco à lua dos românticos e para a formação do *unheimlich*, do real que apavorava os realistas e naturalistas. Ainda mais, dista o decadentismo da harmonia muitas vezes lacônica e funérea, da musicalidade simbolista como nas organolépticas e celestiais estrofes de Eugênio de Castro. De fato, enquanto os simbolistas pintam, escrevem e esculpem tendo um fundo por inebriação dos sentidos, os decadentistas sobriamente revelam as visões de um eu-demônio num lapso de

---

<sup>2</sup> Paul Bourget usou o epíteto “decadente” para a ideia de decadência em Baudelaire. Ainda de acordo com Massaud Moisés, o Simbolismo incorporou as conquistas decadentes, mas muitas continuaram a ter vida própria.

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

consciência de todo o mal calcado na atmosfera tensa, carregada e solta que rodeia e despenca sobre o artista da *fin-de-siècle*. Um notável exemplo do olho que testemunha o corpo esmagado pelas opressões e sucedâneos da amarga vida inútil pode ser percebido nestes versos do livro *Outras poesias* (1919), de Augusto dos Anjos:

Começaste a existir, geleia crua,  
E hás de crescer, no teu silêncio, tanto  
Que, é natural, ainda algum dia, o pranto  
Das tuas concreções plásmicas flua!  
A água, em conjugação com a terra nua,  
Vence o granito, deprimindo-o... O espanto  
Convulsiona os espíritos, e, entanto,  
Teu desenvolvimento continua!  
Antes, geleia humana, não progridas  
E em retrogradações indefinidas,  
Volvas à antiga existência calma!...  
Antes o Nada, oh! Gérmen, que ainda haveres  
De atingir, como gérmen de outros seres,  
Ao supremo infortúnio de ser alma!

(AUGUSTO DOS ANJOS, “A um gérmen”, 2005, p. 132)

Note-se que o inefável comparece no campo das palavras ao nível da expressão, mas seu conteúdo latente, justamente tudo que dispensa os sinais discursivos, expande-nos para um lugar das correspondências entre o mundo espiritual e o mundo material. Como uma clara albuminosa ou um líquido placentário entre os anjos-caídos do parnasianismo, e ao mesmo tempo iluminado por um Rimbaud – Augusto dos Anjos, ele mesmo uma própria consciência do decadentismo, fez-se um ente formado, desdominado, em estado de feto que narra sua regressão a germe: sua criação é a poética de um aborto espontâneo encalacrada no prisma de um naturalismo mormente darwinista, constituindo-se no friso dos sintagmas a mesma bibliomania de des Esseintes, segundo a qual (e)ra em seus turbulentos esboços que se percebiam as exaltações da sensibilidade mais sobreagudas, os caprichos da psicologia mais mórbidos, as depravações mais extremadas da língua afirmando suas últimas recusas de

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

conter, de involucrar as mais efervescentes das sensações e das ideias (HUYSMANS, 1987, p. 232).

De fato, uma poética enviesada pelo universo microbiológico de Pasteur e inseminada pela filosofia de Schopenhauer e Nietzsche, cujo foro resultou numa cosmogonia do *ismo*, sufixo ubíquo de nomes como positivismo, impressionismo, realismo, determinismo, naturalismo, parnasianismo, evolucionismo, decadentismo, simbolismo, expressionismo, surrealismo, futurismo e modernismo; isso só, para não citar os *neos-ismos*. A propósito, considerando tal quantidade de ismos livres, mas intensamente permeáveis entre si no vácuo do entre-séculos XIX-XX, talvez o nome *pré-modernismo*, conferido por Alceu Amoroso Lima, este, também conhecido por Tristão de Ataíde, não seja apenas uma cômoda designação, como sobre o assunto se pronunciou Luciana S. Picchio (1997). Sem dúvida, porém, o termo acomodou e acomoda genes tronco-embrionários do modernismo e do pós-modernismo no Brasil. Conquanto, e regressando a Augusto dos Anjos, vê-se, como Huysmans na literatura e Redon na pintura, um artista que, conforme José Paulo Paes (1995, p. 75-80) no mini-capítulo “Uma microscopia do monstruoso” para as *Transleituras*, privilegiou a visada biológica, mais precisamente microbiológica, na criação de sua poesia da virose, da bactéria e da demência carbunculares no homem da sociedade finissecular.

Nesse sentido, contempla-se em Augusto dos Anjos uma poesia não filosóficocientificista propriamente, mas uma poesia, como já foi dito noutra parte, que busca revelar o ser humano em sua interioridade, valendo-se dos avanços do conhecimento científico, da filosofia moderna e de sua extraordinária capacidade de observação e análise da realidade do Brasil e do mundo. Em suma, trata-se de um artista que, assimilando as vanguardas em Arte e Ciência, soube harmonizá-las com as diversas realidades de seu país-continente, o Brasil.

Ato contínuo, realizou-se neste capítulo um cotejamento da narrativa crulsiana dos contos “Noites brancas” e “O noturno n° 13” com a poemática de Augusto dos Anjos nas poesias “A um gérmen”, “A um mascarado”, “Psicologia de um vencido”, “Idealizações” e “Monólogo de uma sombra”. Em dois momentos, essa travessia congraçou com os poemas “Luar de lágrimas” e “Violões que choram”, de Cruz e Sousa, além do poema “Quase”, de Mário de Sá-Carneiro.

## 2.1 “Noites brancas”

O bien aimé nocturne et terrible, demeure!

Par ton large baiser mon visage est mangé.

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

Enivrons-nous encore du delire des heures

Au creux de ce torrent qui est le lit ravagé.

MAURICE MAGRE, *L'incube et la vierge*.

Non! Non!... mon coeur est gangrené, et

Mes lèvres ont bu le poison qui tue les âmes...

OCTAVE MIRBEAU, *Le calvaire*.<sup>3</sup>

Sente-se ser irresistível o desejo passional entre o simbolismo e o decadentismo em Gastão Cruls, conforme pode ser colhido do excerto abaixo na narrativa das “Noites brancas”:

[Parecia-lhe] uma negrejante vilania querer supor que aquela criatura tão fina, tão angélica, tão espiritual, se pudesse transformar no vampiro luxurioso e insaciável, que todas as noites o possuía furiosamente, a arder na febre de mil desejos. Tão leves eram os seus passos e tanta a treva que a cercava, que, não raro, Carlos só pressentia a amante quando ela, já abeirada do seu leito, deixava cair as vestes, e uma onda de perfume se espalhava pelo quarto todo (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 68).

Aí, o branco não é a pureza, mas o nada que traga para o além inevitável. É o cemitério que encerra o túmulo para sempre escuro depois de fechado numa expansão, tal como na poesia de dos Anjos, da própria vida inútil. Nesse encontro das personagens: uma viva, outra morta e ressurreta, há o encilhamento do dia e da noite para o breu eterno, uma vez que as vidas do além só andam e fazem coisas com o cair das noites na noite da alma humana.

Explique-se: quando se escreveu, três linhas acima, sobre um encontro entre uma personagem viva e outra morta e ressurreta, referiu-se, naturalmente, ao contexto do vampirismo evocado pelo narrador onisciente. Do signo do vampiro, pois, texturizam-se os licores que apeteçiam uma sexualidade acondicionada nas “normas de uma boa educação” (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 61). Mas a ironia do narrador é fina e precisa: a iniciação sexual do jovem Carlos, acompanhada de uma sentença de morte, se dá no “seio da família Jesus” (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 61).

O Jesus de “Noites brancas” é um coronel fazendeiro dos últimos anos da escravidão no Brasil, período no qual ainda havia quem pensasse nas mulheres negras como “umas

---

<sup>3</sup> Epígrafe de Gastão Cruls para o conto “Noites brancas”, traduzida por Márcio Roberto do Prado: Oh, bem amado noturno e terrível, fique! // Minha face é devorada por seus grandes beijos. // Embriaguemo-nos novamente com o delírio das horas // No vazio dessa torrente que é o leito devastado. MAURICE MAGRE, O íncubo e a virgem. Não! Não!... meu coração está gangrenado, e // Meus lábios beberam o veneno que mata as almas... OCTAVE MIRBEAU, O calvário.

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

mulatinhas xucas e inteiramente boçais” (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 60). A família Jesus, pois, recebe na fazenda situada nas proximidades do Rio de Janeiro, a pessoa de Carlos, filho de um amigo do coronel, que, por recomendações médicas, buscava convalescer-se através da tranquilidade, da paisagem amena e do ar puro proporcionados pelo campo.

Contudo, Gastão Cruls apresenta uma atmosfera rural já acometida dos mesmos males vividos pelas pessoas nas grandes cidades, especialmente, dos males expurgados através de uma consciência velada das repressões na sociedade diocesana.

Nesse sentido, e bem antes do marco divisório de *A lavoura arcaica* de Raduan Nassar, que desconstrói o sertão mitificado por Guimarães Rosa ainda nas *Primeiras estórias*, – “Noites brancas”, conto do volume *Coivara* (1920) e, como os demais contos de Cruls mencionados neste trabalho, enfeixado em *Contos reunidos* (1951), é uma narrativa que mostra pessoas vivendo *o purgatório do pecado*: uma família formada por um homem *emchefe*, uma mulher *subalterna* e duas filhas adolescentes no tortuoso caminho de ser mulher.

Mas a tragédia de Carlos sobrevém inesperada e repentinamente pelo *dessurgir* da personagem Maria Clara, na história de “Noites brancas”. De fato, só se dá conta da presença dessa personagem quando a história aponta para um desfecho fatal irrevogável: Maria Clara, pois, era uma morfética, mantida, fazia três anos, isolada em aposentos da casa do coronel Jesus, com a qual Carlos teve sucessivos e invisíveis encontros amorosos.

De outra ordem, ocorre que Maria Clara sabia-se invisível, uma vez que ela mesma, consciente de portar uma doença contagiosa e incurável, e depois de tentar por várias vezes o suicídio, atendera aos apelos da irmã Clarice, esposa do coronel, para que ficasse morando na fazenda. O aceite, entanto, exigia a condição de isolamento e do nunca, em qualquer que fosse a ocasião, ser anunciado o seu nome. Por essa razão, portanto, Carlos nunca suspeitou de que estivesse vivendo o sonho da iniciação sexual por uma morfética ou uma estranha. Como só poderia ser, a mulher que lhe ofertava os melhores dias de sua vida era Olga ou Leonor, ou ainda, *e absurdamente* (Carlos não queria sequer pensar), Clarice. A propósito, assim se lhe apareciam as silhuetas femininas das jovens Olga e Leonor, que não tinham, respectivamente, (CRULS, 1951, p. 61) mais que vinte e dezesseis anos:

Olga, sem prejuízo das gracilidades femininas, era o retrato vivo do pai, de quem não só herdara muitos traços fisionômicos, como até gestos e maneiras que estavam a refletir as grandes afinidades morais que os uniam. Sob a aparente serenidade do seu semblante, de tez muito clara, perfil longo e suave, e uns lindos olhos verdes, pestanudos e elegíacos, ela deveria esconder a mesma inteligência com que o Coronel, a despeito da vida rural, se conservava um homem culto e interessante [...] (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 62).

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

Pois bem, pessoas recatadas como Olga também têm aptidões sexuais, mas o narrador não esconde a preferência de Carlos pela irmã mais moça, quando, no trânsito da sua narrativa, delega voz ao próprio Carlos. Ouçamos:

Se lhe faltava o porte esguio e fidalgo da irmã, criatura diáfana e espiritual que poderia ter tentado o pincel de Burne-Jones, – Leonor tinha as formas mais apetecentes e, sob o recorte dos seus vestidos de menina, já havia mais do que uma promessa do que seria dentro em breve aquele lindo corpo de mulher trigueira, de carnação rija e dourada, o seio alto e crespo, a anca bem redonda (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 63).

A ruptura do temperamento bucólico do clima de fazenda, no qual Carlos vinha vivendo, acontece quando o hóspede recebe um bilhete róseo e perfumado, traçado num “cursivo claro e elegante” (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 68), mas não assinado. O tal bilhete testifica uma promessa de relação sexual por parte, ao que tudo parecia indicar, de uma mulher. Assim, “já lá iam oito dias que ele [Carlos] mutuava carícias com aquela desconhecida, sentindo-lhe as palpitações da carne moça, aspirando-lhe o perfume da pele olente e suave, saboreando-se dos seus beijos...” (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 67).

Ora, os cenários de amor nos sertões do Brasil, até por quase todo o século XX, foram compostos a partir de reminiscências dos comportamentos comedidos das meninas virgens. Há muito, portanto, Gastão Cruls afigura um cenário diferente, anti-sacerdotal; logo, pois, sujeito aos prazeres e tentações da carne, conforme os religiosos admitem e condenam.

Destarte, os encontros recorrentes fazem com que Carlos se apaixone e insista que a amante se lhe revele: depois do oitavo encontro, redige (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 67-68) uma longa carta na qual declara o seu amor e suplica que Maria Clara rasgue “o véu de mistério que envolvia a sua personalidade”. A essa missiva, Maria Clara responde:

Que te importa quem eu seja, se te agrada o sabor dos meus beijos? Aproveita, portanto, o instante que passa e goza-me de acordo com as exigências dos teus sentidos. Só assim terás realizado um ideal, coisa que sempre foi fugidia e inalcançável... (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 68).

Este excerto sintetiza a mensagem crulsiana laminada nas “Noites brancas” e abre uma janela para o soneto “A um mascarado”, de Augusto dos Anjos:

Rasga essa máscara ótima de seda  
E atira-a à arca ancestral dos palimpsestos...  
É noite, e, à noite, a escândalos e incestos  
É natural que o instinto humano aceda!

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

Sem que te arranquem da garganta queda  
A interjeição danada dos protestos,  
Hás de engolir, igual a um porco, os restos  
Duma comida horrivelmente azeda!  
A sucessão de hebdômadras medonhas  
Reduzirá os mundos que tu sonhas  
Ao microcosmos do ovo primitivo...  
E tu mesmo, após a árdua e atra refrega,  
Terás somente uma vontade cega  
E uma tendência obscura de ser vivo!  
(AUGUSTO DOS ANJOS, “Eu”, 2005, p. 85-86)

Carlos queria que Maria Clara se despisse da máscara da noite. E por quê? Ele a amaria e desejaria ainda mais? Não. Na verdade, Carlos não compreendera o que Maria Clara lhe *oportunizava*. Era algo, aliás, que só mesmo um ente, que de certa forma já não fazia mais parte do mundo convencional, poderia oferecer. Maria Clara, pois, estando viva quando morta para o mundo, tem muito claras as reais dimensões da vida. Num mundo sistematizado, mas em que todos estão sujeitos ao acaso, a existência pode ser tão previsível quanto imprevisível; em ambos os casos, porém, o certo é que a existência por mais longa que seja é curta, e muitas, se não a maioria das pessoas, não conseguem viver. É importante considerar que existir não equivale a viver, e disso os decadentes tiveram assombrosa consciência. Com efeito, quando Carlos escreve à Maria Clara uma carta “em que as perguntas acudiam de tropel” (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 67), reponta sobretudo um caráter de gênero, no qual o homem, oriundo de uma educação de cenáculo, sente o orgulho ferido. As linhas escritas por Carlos são, assim, um revide à não identificação da amante, contraindo, portanto, o mesmo teor machista e institucional das relações entre os sexos.

Com propriedade, então, Maria Clara perguntou, como vimos na parte-texto de Cruls à página anterior, da importância que teria a identidade dela, numa situação em que tudo que deveria importar era a satisfação sexual. A propósito, não se pode esquecer que Carlos estava sendo iniciado e que, em princípio, Maria Clara não seria sua única mulher ao longo da vida. Maria Clara sabia disso, mas sabia também que ao deitar-se com Carlos estava destinando-lhe um futuro de isolamento num corpo doente; afinal, a morfeia – sinônimo de lepra e hanseníase, é contagiosa e, àquele tempo, incurável. Ainda mais: trata-se de uma doença que assolava a humanidade desde as pragas que o Senhor teria lançado no Egito, tempos antes de Cristo. Um bom exemplo, pois, do como as pessoas que eram tomadas por essa doença eram

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

alijadas do convívio familiar e social até que morressem apodrecendo e se decompondo lentamente pode ser visto no primeiro mais premiado de todos os filmes: “Ben Hur” (1959), do diretor William Wyler.

Ora, como Maria Clara poderia se anunciar? Ela deve ser culpada por seduzir e enganar o jovem Carlos, já que este *pensava estar em concubinato* com a mulher ou uma das filhas do coronel? Será que em suas fantasias em torno daquele mistério que envolvia as suas noites na casa de “Noites brancas”, Carlos nunca pensou que a amante poderia não ser apenas uma mas as três mulheres da casa, a cada noite uma? Ainda em resposta à carta de Carlos, Maria Clara o exorta a gozar das delícias do sexo de acordo com as “exigências” dos “sentidos” dele. Trata-se, pois, de uma evocação que conclama a viver intimamente aquele instante no qual suas almas se harmonizavam como almas-gêmeas. E ali, numa casa de fazenda, Maria Clara *dadivou* a Carlos instantes de felicidade e prazer que ele eternizará em suas memórias, instantes que talvez nunca alcançasse em mil anos de vida normalizada. Tanta felicidade e prazer, conquanto, não só pelas noites de sexo, mas pela harmonia da aura daquelas almas nos intervalos de abandono à realização do espírito, harmonia tal que os fazia repetir os encontros para novas e mútuas sessões de carinho. Ao ultimato de Carlos, porém, seguiu-se a provável reflexão de Maria Clara. De fato, vimos que ela pondera livremente, mantendo sua intenção de não se revelar; mas, nas noites que seguem sucede o silêncio: enquanto Maria Clara estaria a refletir, Carlos apenas busca uma explicação para o comportamento retrátil da amante.

Consequentemente, a resultante final dessa relação *acanta* no suicídio de Maria Clara e na aterrorização de Carlos. Pressionada, a protagonista das “Noites brancas” decide rasgar sua máscara, o que sugere que ela concluirá pela impossibilidade de continuidade daquele romance. A consciência feminina terá, pois, instintivamente percebido que a realização humana nunca se completa, já que a pessoa tende a retroceder, como no último verso do primeiro terceto de “A um mascarado”, “ao microcosmos do ovo primitivo”. Isso significa que a razão do homem civilizado fá-lo mergulhar na origem ancestral do *mythos* que, por sua vez, re-entorna os rituais iniciáticos das primeiras organizações sociais, cujo princípio norteador era sempre alguma forma de religião. Carlos é, aqui, o arquetípico representante desse gênero humano retroativo, um sujeito que, atemorizado de tudo que se lhe apresenta numa forma apócrifa, tende a buscar orientações no passado. A cética Maria Clara, então, sabia que se lhe mostrasse não mais como a desejada fantasma de “Noites brancas” e sim como a morfética que da luz dos olhos não pode fugir, teria da parte de Carlos os mais austeros protestos. Ele teria, pois, preferido o adultério com Clarice, esposa do coronel que o recebera em casa, ou a fornicção com uma das irmãs, filhas do casal. Note-se que a quizília não se assenta no coito propriamente dito, mas no pretensioso orgasmo antegozo: Carlos passava o dia inteiro excitando-se à espera da noite e de uma das mulheres as quais via até antes do apagar das

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

luzes. Como se fosse um dos mascarados (3º e 4º versos, 1ª estrofe) de Augusto dos Anjos, para Carlos, *ovulóide* primitivo, a noite é o lugar e o tempo em que “a escândalos e incestos // é natural que o instinto humano aceda!”. Dessa forma, a autoforma augustiniana, que singulariza uma poemática de rimas ricas e complexas através da combinação muito mais sintática que morfológica dos pares transversais, produz, no cotejamento com a prosa de Gastão Cruls, uma entropia que maximiza a hipocrisia da sociedade, logo, também da família, que durante o dia protesta contra a imoralidade e à noite a ela acede, engolindo, portanto (3º e 4º versos, 2ª estrofe), “[...] igual a um porco, os restos // duma comida horrivelmente azeda”. Com efeito, um comportamento primitivo, passados seis mil anos de civilização histórica, revela um homem disforme e que existe apenas enquanto (3º verso, 2º terceto) “[...] uma tendência obscura de ser vivo!”. De fato, à revelação de que havia uma outra pessoa na casa em que Carlos estava hospedado, seguida do anúncio de suicídio daquela (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 71-72), Carlos esculpe-se um lugar comum: uma aflição indescritível o domina, fazendo-o arrependido de copular com uma morfética e culpado pela morte que a levou. Enfim, por sugestão do coronel no intuito de poupar o hóspede convalescente, Carlos não fica para o velório, retornando, pois, ao Rio. Mas, ainda no trem, “de novo entre os renques dos saboeiros em flor, Carlos sentia pela primeira vez na boca o travo daqueles beijos, que se muito o fizeram gozar, mais ainda o fariam sofrer” (CRULS, “Noites brancas”, 1951, p. 71).

Paralelamente, outro decadentista brasileiro contempla no homem a magnólia *dor da lua*:

Só um luar de trêmulos martírios  
A iluminar-me com clarões de círios.  
Só um luar de desespero horrendo  
Ah! Sempre me pungindo e me vencendo.  
Só um luar de lágrimas sem termos  
Sempre me perseguindo pelos ermos.  
E eu caminhando cheio de abandono  
Sem atingir o vosso claro trono.  
(CRUZ E SOUSA, “Luar de lágrimas”, p. 83)

E, entreabrindo:

.....

Tudo isso, num grotesco desconforme,

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

Em ais de dor, em contorções de açoites,

Revive nos violões, acorda e dorme

Através do luar das meias-noites!

(CRUZ E SOUSA, “Violões que choram”, p. 53)

Essas estrofes, à revelia da dor dos negros e do poeta, declamam um negro zumbi que foi além do banzo e tornou-se músico exímio em poemas como “Violões que choram...” (1893), reagindo ao meio social classista e etnicamente balizado do Brasil do entre-séculos XIX-XX. Mais do que os símbolos, entanto, palpáveis na literatura de Augusto dos Anjos, Gastão Cruls e Cruz e Sousa, há uma expressão assombrada, como não poderia não-ser, da clarividência que flerta com o conteúdo latente dos sonhos, ou, como quer Jung, com o subconsciente coletivo. Nesse contexto, experimentamos um cálice de sombras que aspergem uma linguagem aterradora para nos dar consciência da anomalia destrutiva da esperança, da unidade, do reencontro entre eu e o outro. Naturalmente, essa anomalia é resultante, compreendendo o contexto histórico brasileiro, do processo de colonização e neocolonização que vitimou e estigmatizou gerações, e o artista do decadentismo comporta, conforme a visão que tem de seu subconsciente, as plagas terríveis dessa anomalia ou maldição, latentes ou sublimadas no subconsciente do coletivo nacional, tal como se depreende da imago do soneto “Psicologia de um vencido”:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,

Monstro de escuridão e rutilância,

Sofro, desde a epigênese da infância,

A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,

Este ambiente me causa repugnância...

Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia

Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –

Que o sangue podre das carnificinas

Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,

E há de deixar-me apenas os cabelos,

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

Na frialdade inorgânica da terra!

(AUGUSTO DOS ANJOS, 2005, p. 38)

No primeiro verso desse poema, o poeta apresenta a identidade do sujeito vencido: este, pois, é “filho do carbono e do amoníaco”, e representa a multidão de desassistidos que moram a céu aberto, mendigando o pão de cada dia nas ruas poluídas pelos gases dos motores e das chaminés. Lendo ainda o primeiro verso, ficamos cômicos da denúncia de que o sujeito retratado é uma criança que já nasce vencida, e percebemos, portanto, que não se trata de um estado esporádico ou isolado de uma pessoa, mas de um estado crônico de determinada parcela da população, não por acaso formada, em sua maior parte, por negros e mestiços. A propósito, esse sujeito, chegado à idade adulta e possuído pelo eu-lírico, conta-nos da sua vida, e, apesar de um certo espanto no último verso, a descrição é exemplarmente objetiva.

De fato, o sujeito na “Psicologia de um vencido” é aquele que sofre a exclusão e a indiferença do outro que, uma vez portador de identidade política, aceita do zodíaco as atribuições justificadoras das peripécias e espera da morte, nas quais o *sujeito paciente* nasce, vive e termina.

A si próprio autodecompondo, o sujeito vencido enxerga na sua imagem de derrotado a figura de um “monstro de escuridão e rutilância”, metáfora que agrega os predicativos *sujo, ignorante, maltrapilho, fedorento, indesejável*, enfim, o indigente visto como monstro. Entrementes, o outrem desse sujeito não convive pacificamente com seu ego institucionalizado. Tal como se defere da segunda estrofe, a intensidade do modo sobre quão hipocondríaco é o ambiente numa relação em que as diferenças sociais entre as pessoas são extremas, intensidade esta ainda mais vibrante com a transformação do superlativo *profundíssimo* no advérbio “profundissimamente”, revela-nos a imagem do âmago, o interior mais interior do ser da sociedade, em estado de hipocondríaca dependência de drogas, receitas ou não, mas desenfreadamente procuradas e ingeridas para controle de uma ansiedade da qual esse sujeito se acredita tomado. Ora, também a hipocondria é uma característica de estado crônico. O poeta, assim, distingue duas esferas do ambiente na sociedade brasileira do entre-séculos XIX-XX: uma é caracterizada pelo sujeito paciente, pertencente à linhagem escrava; e a outra, pelo sujeito político, membro da linhagem colonialista; ambas, doentes.

Para a linhagem colonialista, difícil se faz olhar o outro com qual desengana uma provável aproximação. Quando esse contato, que não se pretende além de um relance visual, de alguma maneira toca o sujeito político, este o assimila como um efeito colateral. Contudo, se aos que já nascem vencidos se reserva toda sorte de doenças, aos supostos vencedores se reserva uma sorte não pequena de patologias mentais. Nos versos que decorrem, temos um relato da repugnância do eu-lírico sobre o ambiente dividido entre favorecidos e excluídos. A

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

demonstração de sua repugnância, pois, migra do exercício crítico para a psique da personagem – o sujeito político, no qual se percebe o custo da indiferença, mantida com o uso de medicamentos.

Com efeito, se o indigente morrerá de fome, frio ou ainda de qualquer morte súbita que a peregrinação pelas ruas lhe traga; o sujeito político arquiteta e apressa a própria morte, vivendo coagulado no artificialismo dos remédios e das relações sociais falseadas, já que não dialeticamente discutidas. O eu-lírico em “Psicologia de um vencido”, então, descreve a imagem de um fim atroz para um sujeito que quase se vomita de si, num ímpeto que se deseja saia pela boca, mas que retorna ácido e amargo, corroendo o esôfago e enodoando as artérias do coração. Nesse sentido, trata-se de uma imagem que não é simplesmente uma ânsia, mas uma coisa semelhante e mortal. Afinal, como um cardíaco na iminência da morte, esse sujeito regurgita o último anseio de vida, consumado em seu último instante pela imagem de um ataque cardíaco fulminante, que rompe sem misericórdia as fragilizadas veias de um coração hipocondríaco. “Psicologia de um vencido” é, pois, para a linhagem do sujeito colonialista, a imagem de uma pessoa moribunda em seu estado de psicossomatismo, enquanto que para o sujeito paciente é a imagem da morte à espreita, condição de vida do excluído, dada a “frialdade inorgânica [não] da terra” (último verso do segundo terceto), mas do próximo distante. Como é próprio da imagética decadentista, a poesia de Augusto dos Anjos busca a copta entre a distância estranha das coisas e dos homens, nos entregando o seu intervalo: o tempo entre a imagem aparecida e a sua reprodução, como que apanhado na fração de síntese que reúne num só corpo doentio o sujeito que é e o que não é politicamente prestigiado.

*Sine die*, a poética de Augusto dos Anjos é a poesia de um choro uvulário cuja música é um grito para dentro. O eu-lírico transborda uma existência que não se exterioriza, mergulha no não-ser da pessoa, ao que se lhe estremecem os nervos e cada molécula sensória. Nesse mergulho, o que mais o impressiona é o intervalo em que um choque faz latejar e vibrar as vísceras, ao mesmo tempo que os olhos captam o ensombramento chegando e indo, como nos equinócios e solstícios<sup>4</sup>, para instar uma sensação de horror e de sem importância. Ferreira Gullar observou esse transe entre a impressão e a transfiguração da imagem na poética de Augusto dos Anjos que, empírica ou não, é sempre a teleologia de um intervalo temporal. A propósito, na dialética da vida-morte – núcleo atômico da poesia augustiniana, o intervalo é o que existe de concreto e definitivo; logo, a vida é um eterno e mutante devir, e “essas idas e vindas constituem o processo de transformação do objeto real: a cada retorno

---

<sup>4</sup> Solstício de verão: estação para o hemisfério voltado para o sol; solstício de inverno: estação para o hemisfério voltado contra o sol. Equinócio: posições intermediárias entre os dois solstícios ou os dois hemisférios. Equinócio de Primavera – quando o hemisfério está se deslocando do inverno para o verão; equinócio de outono – quando o hemisfério está se deslocando do verão para o inverno.

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

ele é outro” (GULLAR, 1978, p. 46). Esse segmento não poderia ser mais fatal: tanto as idas quanto as vindas sempre se dão no sentido da vida para a morte e nunca da morte para a vida, o que espelha uma pessoa apanhada de súbito pela certeza científica do fim, pelo menos àquele momento histórico.

A propósito,

(e)ssa poesia sadomasoquista lança o desafio do radicalmente feio à face do pacato burguês, desmascarando, pela deformação hedionda, a superfície harmônica e açucarada de um mundo intimamente podre. Não só o ser humano, também a palavra e a metáfora tradicionais desintegram-se ante o impacto dessa poesia. Surge, ao lado da montagem do termo técnico no contexto da língua tradicional – a dissociação pelo linguisticamente heterogêneo – uma metafórica grotesca, “marinista”, que opera com o incoerente (ROSENFELD, 1976, p. 265).

Trata-se, pois, de uma poesia cujos caracteres compõem “um elemento anorgânico que interrompe o contínuo orgânico da língua, *arrebentando-lhe o turvo conformismo*” (ROSENFELD, 1976, p. 269, grifos acrescentados).

## 2.2 “O noturno nº 13”

Outrossim, todo dia tomamos uma dose de realidade para enfrentarmos a passagem das horas. Ao fazê-lo, seguimos com o desempenho de nossas atividades à sombra de um passado naturalmente marcado. As marcas ou impressões da existência, construídas no *semfim* do tempo: presente, passado, futuro – de nós mesmos em nossos antepassados, estampam o que poderíamos chamar de real concreto duplamente significado. Essa *duplaescrita* (história e ficção) aparece e reaparece no conto dramático “O noturno nº 13”, pertencente ao volume *Coivara* (1920), de Gastão Cruls. Neste conto, a narrativa recria a história de um casal que migra da cidade para o campo, em busca de um sossego não mais possível na sociedade urbana. Para os protagonistas do conto, pois, a vida de verdade continuava lá: na poesia da natureza; lugar perfeito para o cenário de uma vida *marital* sem sobressaltos, feliz e eterna.

Mas a natureza em “O noturno nº 13” não é a natureza idílica da paisagem do Vale do Paraíba no Rio de Janeiro, lugar que ambienta esse conto de Cruls. A natureza em “O noturno nº 13” é o território da psique, cujo espectro de espaço insondável, crispado por forças ignotas, insurge na narrativa crulsiana evocado pelas sombras-veladoras da morta Regina.

Este subtom, bíblicamente sinistro, transcende do refluxo da consciência do enlutado Paulo, e guia-nos, como que estando num sonho acordados, *au delà*. Com a morte de Regina, o narrador tem finalmente a sua trama, a qual medeia entre as antíteses *eufemismo* e *disfemismo*, gramaturando a natureza da vida na morte. Anote-se que esse evento instaura

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

na narração uma alienação total quanto à vida num mundo convencionalmente real, e um contato sobrenatural plenamente possível nas teses futuristas da ficção científica. Com efeito, Paulo se torna em fel e vinagre, e tal reconstrução, ainda eufemística, simboliza o estado de volatilidade que tornou-se a sua matéria humana. Seus últimos dias, pois, seguirão como intervalos semelhantes à marcha fúnebre até o desenlace final. Por outro lado, a mesma personagem é desconstruída pela duração do tempo e ao compasso de cada intervalo; e esta desconstrução, tal e qual o suplício de um calvário, é profundamente disfêmica.

O nome Regina advém dos casos nominativo e vocativo singulares do latim e em português escreve-se *rainha*, significando pois aquela que governa. Em “O noturno nº 13”, esse nome designa a rainha da noite – aquela que ao som de piano deixa o túmulo e se projeta fantasmaticamente. Ora, sabemos que tal fenômeno é um sofisma: nenhum morto pode, consideradas as fronteiras atuais do conhecimento da biologia, rematerializar-se, ainda que de modo metafísico. Logo, se Regina não pode voltar, que propósito há em se escrever uma narrativa de assombramento num momento em que a tendência é de ceticismo em relação aos eventos não materiais, a despeito, entretanto, de que tais ocorrências causassem, como causaram por quase todo o século XX, efeitos como o medo, o susto e o culto ao sobrenatural? Uma análise amiúde da temática crulsiana remete a considerações numa direção anti-horária do texto, numa leitura da direita para a esquerda. Assim, o narrador não quer nos contar a história de uma morta que absurdamente retorna, mas de uma pessoa viva que se entrega, dia-a-dia após a morte de uma pessoa querida, a própria morte. Essa pessoa, como que a manipular um composto alquímico, se automedica uma eutanásia paulatina mas irreversível. Trata-se de alguém que decidiu-se morrer, configurando um suicídio não declarado embora evidente. Nesse sentido, esse mergulho na consciência da personagem Paulo, o homem que quer migrar deste mundo de infelicidades para outro, supostamente benfazejo, faz com que se perceba quem de fato é a sombra, a rainha das trevas, o sujeito que verdadeiramente atemoriza. Tal assombração, pois, nunca é uma pessoa ou criatura morta, mas a pessoa viva que de alguma maneira criou um vínculo com a morte.

Como o eu augustiniano em “Monólogo de uma sombra”, o Paulo de “O noturno nº 13” é a imagem escura que procede de “outras eras” (1º verso; 1º sexteto), seu semblante transcende todo um egoísmo fatal nas marcas faciais ainda escondidas pela jovialidade, transcendência que se aproxima do sincrético “pólipo de recônditas reentrâncias” (3º verso; 1º sexteto), tornando-se ele mesmo o duende mau que “dentro da noite má [surgirá] para agarrá-lo” (6º verso; 20º sexteto). Sublinhe-se nesses versos a visão de Órris Soares que, comentando o “monólogo”, sugere tratar-se de pensamentos sublimados por um sujeito mergulhado e impedido de submergir do ego por causa da realidade exterior que se lhe apresenta pavorosa: “imagine-se o tormento cruciante de um fantasma apoderado de horror pelos outros fantasmas” (2005, p. 18).

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

*Vertas est*, porquanto, que os pensamentos de um eu atormentado se comunicam secretamente com os pensamentos do eu-filósofo, este, um alter-ego do outro eu e ambos o eu-lírico augustiniano num dialogismo cósmico. A propósito, o diálogo cosmogônico comparece na poesia de Augusto dos Anjos como um hino da agonia – essa sombra de infelicidade que está sempre à espreita do homem, como “um cancro assíduo na consciência”, conforme citação do eu-lírico no quinto verso do 23º sexteto do “monólogo”.

Passadas à roca tais considerações, verifica-se que o “monólogo” não é a dicção meramente confabulada do próprio poeta, mas o horror decorrente de uma consciência segura da realidade sócio-política que encarcera o sujeito passivo na sistemática de mundo da qual A. dos Anjos era contemporâneo. Nesse sentido, a personagem em monólogo interior no “Monólogo de uma sombra” representa pessoas de um universo real e aberto, de cuja tragédia compartilha também a personagem crulsiana.

Assim essa personagem de Cruls se irmana com a personagem de Augusto dos Anjos no “Monólogo de uma sombra”; com efeito, artista de uma filosofia cuja coerência desarticula tentativas de desconstrução de sua poética quando acusada de pernosticismo e cientificismo, dos Anjos universaliza o homem brasileiro neocolonizado e prostrado no entre-séculos XIXXX, pondo-o ao lado dos homens subjugados por toda e qualquer forma de colonização, posto que os territórios colonizados na América Latina ao longo dos séculos XV a XIX constituíram, na extensão de todo o século XX, o bloco de países subdesenvolvidos da América. Atualmente, a esse mesmo bloco foi concedida a condição de países em desenvolvimento. A impressão que se tem é a de que setores representativos do autoproclamado *Primeiro Mundo* pensam que os países em desenvolvimento devem continuar a lhes *prestar reverência*. É impressionante como o tratamento dispensado aos países que foram ex-colônias, depois e ainda agora, neocolônias, pelas potências econômicas hodiernas, pouco difere do tratamento dado aos mesmos enquanto países subdesenvolvidos ou colonizados. De fato, parece ainda haver uma insistência, da parte dos segmentos imperiais, que atenta contra a soberania nacional em países da América do Sul, conforme discutiu-se no caderno anterior.

Destarte, o sentimento desse homem colonizado e em vias de recolonização não pode ser outro que não o de uma “larva de caos telúrico” (4º verso, 1º sexteto). Para ele, pois, a vida no território é um caos social e uma procéla de tormentos. Note-se: se para o europeu da passagem finissecular avultava-se um período emergente e infalível no qual o seu mundo serviria de palco a duas grandes guerras mundiais, para o brasileiro daquela mesma época também soerguiam-se vitupérios de desastrosa estupidez, que então se encarregaram de cunhar na sociedade brasileira divisões sociais segundo paradigmas da burguesia capitalista. Ocorre, outrossim, que o Brasil àquela época era um país oligárquico e aristocrata em toda sua extensão, o que por si só já revela uma pujante capacidade limítrofe quanto a ser um país democrático ou socialista produtor de riquezas. Vê-se que a sociedade pós-colonial (pós

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

independência política) esbarrava constantemente na terrível impressão de não ser nem uma coisa nem outra – apenas uma sensação aziaga e morna do progresso: um progresso que não aconteceria sem o engajamento de todos, quase todos disso alienados, uns porque queriam o progresso só para si e para assim fartar-lhes sempre momentaneamente a insaciável opulência, outros porque distanciados demais de quaisquer esclarecimentos sobre progresso, inclusive sobre progresso intelectual.

Ora, advém desse estado pós-colonial o húmus para a proliferação das larvas do neocolonialismo. De fato, o corte do cordão umbilical que ligava a colônia à madrasta lusitana produziu rejeições as mais diversas. Muitos temeram perder a fidalguia ostentada pelo brasão portugalense. Muitos desejaram não ser brasileiros – gente rude. Gente tão longe da fina educação europeia; esta, ainda hoje badalada entre nós, levando muitos a louvar quando não a imitar os hábitos e gostos de Praga, Paris, Londres e sua cara-metade Nova York.

Naturalmente, as rejeições são fecundo material de fomento ao vômito do escritor decadentista: *organismo aquoso excretado, fungicento, fermentoso e ascético*, esplendidamente repugnante, que tão apropriadamente lhe serviu de desgosto pessoal e material poético.

Com efeito, as quadras gêmeas do “Monólogo de uma sombra” no livro *Eu*, – “Idealizações”, poesia em cinco hinos do livro *Poemas esquecidos* (AUGUSTO DOS ANJOS, 2005, p. 184-188), coligem, magistrais, personalidades decadentes como as do Paulo de “O noturno nº 13”. De fato, uma delas parece ser a *Ursa maior* – constelação cuja fosforescência resenha o espírito daquela personalidade crulsiana:

Eu amo a noite que este Sol arranca!  
Namoro estrelas... Sírius me deslumbra,  
Vésper me encanta, e eu beijo na penumbra  
a imagem lírial da Noite Branca.

(AUGUSTO DOS ANJOS, “Hinos II e V”, *Idealizações*, 2005, p. 185, 188)

Esta quadra, que encerra os hinos II e V das “Idealizações”, tem muito a dizer sobre um sentimento raro e malvisto nas sociedades cristãs. Basta uma olhadela para que se diga notória a presença de elementos helênicos como “Sol”, “Sírius” e “Vésper”, seguidos de sua “imagem lírial” – a “Noite Branca”. Essa imagem, então transposta para o plano da expressão escrita, classifica-se linguisticamente como uma frase nominal unimembre denominada rese adjetival; por sua vez, sua figuração na simbologia decadente dos versos acima representa, em forma de metáfora, a insônia. Pormenorizando, a imagem da noite branca traduz o signo

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

da convergência de dois outros signos: os signos *quase-noite* e *quasedia*, entremeio que se afigurava talvez como o pior dos horrores da existência para o criador decadente.

A despeito, pois, da orientação budista de que se valeu Augusto dos Anjos, a dor de *quase-ser* se apresenta como sendo a chave-mestra de princípio e fim do estetismo decadente, dela derivando e a ela magneticamente retornando, portanto, os demais compostos com *quase*.

Nesse sentido, a expressão *quase-ser* constituiu e constitui, sem dúvida, o mais penoso sofrimento para tantos quantos fossem os do lugar ocidental que de alguma maneira sugerissem, para si ou para outros, como desacreditada a doutrina cristã. Ora, a existência social e a esperança de continuidade das almas encarnadas na sociedade cristã só é possível mediante a aceitação ortodoxa de que a Igreja é a senhora da vida, sendo apenas ela o caminho que conduz a Deus e ao céu. Este, pois, é um dos dogmas mais fortes da religião, desde que essa instituição existe; contrariá-lo significa desobediência a ser punida, e isso também imperou, quando não por fanática demonstração de fé, portanto como moção etérea que toma e prende a consciência – na subconsciência – e talvez daí melhor manipulando os juízos. Logo, não ser *cristão de acordo com a Igreja* significa *quase existir* na sociedade cristã; por outro lado, e os decadentes o souberam, assumir a identidade desse tipo submisso também significa, para o sujeito crítico consciente da realidade que o envolve, uma existência em quase-vida. Foi, pois, essa, a imagem da realidade do homem no mundo do entre-séculos XIX-XX concebida, tal como por outros decadentes, por Mário de Sá-Carneiro no poema “Quase”; de fato, este compõe, com perfeição singular, uma realidade de ser que ainda não nos deixou:

Um pouco mais de sol — eu era brasa.  
Um pouco mais de azul — eu era além.  
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...  
Se ao menos eu permanecesse aquém...  
Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído  
Num baixo mar enganador d'espuma;  
E o grande sonho despertado em bruma,  
O grande sonho — ó dor! — quase vivido...  
Quase o amor, quase o triunfo e a chama,  
Quase o princípio e o fim — quase a expansão...  
Mas na minh'alma tudo se derrama...  
Entanto nada foi só ilusão!

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

De tudo houve um começo... e tudo errou...

— Ai a dor de ser-quase, dor sem fim... —

Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,

Asa que se elançou mas não voou...

Momentos de alma que desbaratei...

Templos aonde nunca pus um altar...

Rios que perdi sem os levar ao mar...

Ânsias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios...

Ogivas para o sol — vejo-as cerradas;

E mãos de herói, sem fé, acobardadas,

Puseram grades sobre os precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto,

Tudo encetei e nada possuí...

Hoje, de mim, só resta o desencanto

Das coisas que beijei mas não vivi...

.....

.....

Um pouco mais de sol — e fora brasa,

Um pouco mais de azul — e fora além.

Para atingir, faltou-me um golpe de asa...

Se ao menos eu permanecesse alguém...

(Paris, 13 de maio de 1913)

(MARIO DE SA-CARNEIRO, 1995, p. 65-66)

Foi também nessa indefectível quase-existência que Paulo se achou quando viu-se enlutado pela morte de Regina. Remordido incessantemente pelas conjecturas com que tentava compreender a crueldade do destino que se lhe despontava no horizonte, certamente grunhiria não fosse sua razão portada por um cidadão com escolaridade de nível superior, pertencente a uma classe de pessoas independentes, que escolhem seus modos de vida, o lugar, as pessoas, enfim a paisagem da qual desejam estar rodeadas. Trata-se de uma classe privilegiada, portanto, mas que não esteve, nem está, imune aos traumas que ainda repercutem na sociedade pós-colonial brasileira. Com efeito, Paulo assim se aflige:

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

Qual o seu crime inexplicável para tão dura punição? Acaso não fora ele bom filho e melhor esposo, e não pautara todos os atos da vida por princípios honestos e caridosos? Na sua consciência nada lhe pesava e, por mais que o perscrutasse, em todo o passado não encontrava nenhuma culpa mais séria ou ação menos nobilitante, que lhe pudesse trazer censuras e remorsos. Por que lhe viera pois tão dura pena? Só se a sua *irreligião* lhe preparara a desgraça... (CRULS, “O noturno nº 13”, 1951, p. 16, grifo acrescentado).

Notemos que Paulo começa a questionar o modo pragmático com que via o mundo e a vida, chegando a considerar se não seria o ceticismo em torno da religião a causa de seu incontornável sofrimento. A propósito, as imagens abaixo parecem sublimar o estado de desolação no qual Paulo se encontrava desde a inesperada morte de Regina:

Que importa o Sol! A Treva, a Sombra – eis tudo!

E no meu peito – condensada treva –  
a sombra desce, e o meu pesar se eleva  
e chora e sangra, mudo, mudo, mudo...

E há no meu peito – ocaso nunca visto,  
martirizado porque nunca dorme,  
as Sete Chagas dum martírio enorme,  
e os Sete Passos que magoaram Cristo!

(AUGUSTO DOS ANJOS, “Hino I”, *Idealizações*, 2005, p. 184)

Como poderia, pois, uma mente tão segura de si nas atitudes pessoais e referentes ao próximo, as quais fazem pensar num socialista, seja inopinadamente assaltada por receios irracionais? Pois, sim. E serão esses receios, antes mortificados pela inteligência e o conhecimento geridos por um caráter bom e solidário, que vão extravasar feito erupções incontrolláveis, tornando Paulo confuso, depois alienado, até tornar-se outro: um outro posposto e alter-ego daqueloutro traído por uma autoconvicção de todo romântica, mesmo platônica, que tinha na monogamia e no casamento com a pessoa idealizada a única condição para “a felicidade” e, nesta, “um bem indiviso e inalienável” (CRULS, “O noturno nº 13”, 1951, p. 15). Ora, veja-se quão extraordinário é aí o paradoxo: o de se pretender inalienável um pensamento fruto de uma percepção alienígena. De fato, a alienação de Paulo ganha proporções desmesuradas, tanto que ofende o bom senso:

Amarfanhado numa cadeira, a face descorada, o olhar perplexo, ele passava os dias recolhido em sua dor, alheado de tudo, e sem que lhe conseguíssemos arrancar qualquer palavra. Nem a filhinha recém-nascida,

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

para a qual por vezes apelamos, na esperança de que ao calor do novo afeto o ânimo se lhe retemperasse, conseguia trazê-lo dessas ltuosas cogitações, em que o seu espírito se insulava no passado, entre os escombros da felicidade perdida. Antes, a presença de Regininha fazia-lhe mal, e era motivo para imprecações e revoltas vãs, que quase sempre se terminavam por longas crises de choro. Que lhe importava a filha, se o seu lar estava desfeito e, para alcançar aquele berço, tivera que abrir o mais querido dos túmulos? (CRULS, “O noturno nº 13”, 1951, p. 15-16, grifos acrescentados).

Hei-lo, pois, agora uma ilha, um homem não mais irreligioso, mas crente de que

é tudo em vão! Atrás da luz dourada,

Negras, pompeam (triste maldição!)

– Asas de corvo pelo coração...

– Crepúsculo fatal vindo do Nada!

(AUGUSTO DOS ANJOS, “Hino I”, *Idealizações*, 2005, p. 184)

No modo de contar a história do narrador crulsiano em “O noturno nº 13”, defronta-se com a tranquilidade e outros tons da bucólica região serrana fluminense uma narrativa que fremente desembulhando os acontecimentos num ritmo *quase* alucinante, compreendendo portanto aquele instante de morbidez e choque iônico dos neurônios, de través com a doce paz do campo, a passagem amena das horas e o sonhado idílio perfeito entre um homem e uma mulher e de ambos com a natureza. Feito um *boomerang*, o acontecimento do retorno ao lar para providenciar a relocação da mobília e dos pertences pessoais e íntimos da família, como o piano do qual Regina parecia ser a própria alma, atordoado ao marido como se o lugar, passados dois meses desde a morte da mulher, estivesse já povoado de fantasmas. Ademais, era isso mesmo que corria e espalhava-se entre “aquela gente da roça que não sabia viver sem fantasmas e assombrações” (CRULS, “O noturno nº 13”, 1951, p. 19). Mas, qual: essa febre terçã dos sentidos, a despeito da sobriedade do narrador-testemunha que conta a história, enfermou o cérebro de Paulo:

– Ouves? dizia-me ele. Olha o piano. Eu estava para adormecer quando ele começou. E é o *Noturno N° 13*, uma das músicas que ela mais gostava de tocar. Eu apurei o ouvido. O silêncio era completo. – Não ouço nada, Paulo. Você está sonhando. Não é possível. – Não ouves? Mas então estarei louco? – e ele me olhava tão penetrantemente e tinha um ar tão estranho e desvairado, que temi deveras pela sua razão. – Olha! Vai começar a segunda parte... São agora os acordes mais ligeiros. Mas é a sua interpretação! Até a pausa que ela costumava fazer num certo ponto, eu também notei. Mas

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

estarás surdo? Então não ouves nada? Vem para mais perto... Vamos abrir a janela... (CRULS, “O noturno n° 13”, 1951, p. 19-20).

Os vários entrocamentos desse discurso narrativizado, em que o discurso relatado mescla-se com o discurso mimético, reportam uma narrativa que se construiu pensando o “*Noturno N° 13*” de Chopin. De fato, o processo de concepção dessa elegia orquestrada foi transposto por Gastão Cruls, e de forma meticulosa, na criação do conto “O noturno n° 13”.

Verifiquemos, pois, nas palavras do próprio narrador-testemunha a divisar a segunda das duas madrugadas que passaram na casa:

Não posso descrever o que senti, nem esmiuçar os lances dessa pavorosa madrugada, em que por meu turno pensei enlouquecer. A música continuava sempre e, a cada acorde mais forte, eu tinha a sensação de que me unhavam o cérebro e as notas eram arrancadas aos meus próprios nervos. Fosse ou não das circunstâncias trágicas em que o ouvi, jamais música alguma me atribulou tanto no íntimo da alma como esse estranho *Noturno N° 13*. Dir-se-ia que Chopin extravasou para as suas páginas, transfiguradas em harmonia, *todas as angústias que dormem no fundo do coração humano e nunca puderam ser traduzidas por palavras*. O meu amigo, apreciador de música como é, deve conhecer bem as ansiedades dessa súplica, *que se inicia querelesa e branda, num rumorejo suave de lábios em prece e, a pouco e pouco, num crescendo pungente e afervorado, sobe a gama do exaspero, entre soluços e lamentos mal sopitados, até que rompe, por fim, numa estalada de uivos e imprecações, regougos e gemidos, cachinadas e doestos, em que se confundem as vozes de mil bocas numa queixa infinita e dilacerante* (CRULS, “O noturno n° 13”, 1951, p. 22-23, grifos acrescentados).

Nos destaques, pois, os pontos fulcrais compartilhados pela partitura musical erudita e a narrativa crulsiana, evidenciando o *tenebroso* enlace de espíritos decadentistas. A propósito, surdem nessas linhas mais que uma reflexão sobre o fazer artístico da narrativa e da música: é também senão sobretudo uma reflexão sobre o exponencialismo bipolar *decadente-simbolista*, – que se expande para muito além da Via-Láctea, aqui a luzir um sujeito “transido de medo, com o coração num degelo, e os nervos à flor da pele” (CRULS, “O noturno ° 13”, p. 23).

Apesar dessa descrição ser já a do narrador-testemunha, então também envolto até plasmar-se na circunferência ritualística de pretensa *macabridade*, é antes a descrição não da aparência mas daquela lividez sepulcral que tomara Paulo para quem

áureas estrelas, alvas, luminosas,

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

trazem no peito o branco das manhãs

e dormem brancas como, *leviatãs*

sobre, o oceano astral das nebulosas.

(AUGUSTO DOS ANJOS, “Hino II”, *Idealizações*, 2005, p. 185)

De fato confere. Paulo parece ter descido *ad inferos*<sup>5</sup> e lá se avistado, quem sabe, socializado, com os leviatãs de lá – anjos declarados demônios por quem tendo criado o céu para poucos criou o inferno para muitos. Não obstante, muitas estrelas que vemos brilhantes na noite do vazio incomensurável jazem mortas, sendo o que vemos apenas reflexos delas quando vivas e que ainda só nos chegam em função da distância e velocidade espaciotemporais; noutras palavras, assim como pode demorar milhares de anos para que o brilho de uma estrela seja-nos visível, o mesmo se dá até que não o percebamos mais. Bem, não é esta a opinião de um especialista em astrologia, mas também o assunto não é desconhecido dos curiosos da área. Mas Paulo deve ter adentrado câmaras infernais mais profundas. Em meio um tropel de perguntas sem respostas que o pressionavam para a depressão e a uma compulsão pela morte, ele se transporta da descrença na religião para a descrença na vida.

Lança-se então no escuro porque acredita que do desconhecido, por ser desconhecido, é o único lugar donde pode vir o refrigério para o seu espírito contristado. Vaga, pois, como uma alma penada em divagações, como uma pessoa refém de um ego que faz retornar, sintomaticamente como um mecanismo de defesa do próprio egoísmo, fantasmas das repressões sofridas – mesmo imemoriais. A música de Chopin, portanto, representa para o transtornado Paulo, decidido a procurar pela amada nas trevas que do outro lado espera serem luzes, um flange que o aprisiona numa dimensão do pensamento entre o real inteligível e o real sensível, de onde desembesta-se fugindo da família, especialmente da filha, e fugindo também dos amigos, da sociedade, do mundo, enfim da vida que sem Regina lhe parecia não ter qualquer sentido. Não por acaso, pois, e como poderia ser o próprio Paulo o eu-lírico *augusto* nos versos que seguem, a música, possivelmente um noturno de Chopin, vinha a calhar:

Nessa música que a alma me ilumina

tento esquecer as minhas próprias dores,

canto, e minh'alma cobre-se de flores

– *fera rendida* à música divina.

(AUGUSTO DOS ANJOS, “Hino V”, *Idealizações*, 2005, p. 187, grifo acrescentado).

<sup>5</sup> Expressão grafada em latim que em português se traduz por aos infernos.

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

A propósito, Paulo parece o destinatário perfeito das idealizações do poeta do hediondo. Ao comportar-se como uma pessoa para quem a vida na sociedade convencional tornou-se uma vida inóspita e desagradável, para o que aliás ele mesmo terá em muito contribuído, arquiteta respostas, dada a natureza instintiva com que passa a se orientar, próprias de um alienado – a “fera rendida” da metáfora augustiniana. Com efeito, o encontro com a casa onde vivera com a mulher idolatrada, e a partir daí amada, proporciona a Paulo um encontro primeiro com as lembranças – em tal cenário, mais fortes e tocantes, até evoluir para uma situação em que o referido encontro sugerirá um reencontro físico, ainda que na forma de matéria etérea, de Paulo com Regina. Nesse sentido, pensando, pois, a figurativização do leito sepulcral feminino a partir da ideia da palavra *rosa* enquanto metáfora da palavra *mulher*, e ainda enquanto flor de companhia das mais caras e estimadas pela psicologia sempre moça da pessoa *mulher*, a ideia de reencontro surge como se fosse possível a transposição do símbolo *flores mortas* – aqui o amálgama da Regina e da rosa no leito cemiterial então trans-significado no “jardim, de onde subia [...] um hálito quente de rosas” (CRULS, “O noturno n° 13”, 1951, p. 20) cujas sinestésias podem ter feito Paulo articular sensorialmente as ondas já miasmáticas a se esfumarem do corpo e das rosas em decomposição, para o viço e a beleza olentes nas mesmas rosas e na Regina vivas e primaveris. Imagina-se, portanto, uma transposição de retorno da morte para a vida, como sempre acontece nos sonhos, mas nunca na dimensão da realidade humana.

De toda maneira, convencido de que Regina vinha à casa que ele Paulo havia abandonado, e de que ela de saudades se deixava ao piano sempre para as notas do *Noturno N° 13* de Chopin, talvez esperançosa de que o marido amado se sensibilizasse e retornasse para as bodas de amor, Paulo trilha resolutivo rumo ao outro lado desta vida, apesar do espanto e do apelo que não podemos ter certeza haver saído da boca do irmão de Regina (narrador testemunha ou intradieético que nos conta a história), em razão da tendência que o corpo humano tem para a petrificação diante dos acontecimentos estarrecedores, principalmente se tidos por diabólicos: vê-se e se quer gritar, mas uma estranha força parece arrebatá-lo todas as articulações de expressão, podendo inclusive impressionar o sujeito até às raias de um ataque cardíaco fulminante. Todavia, a assombração de Regina não tentou infernizar ainda mais ao irmão que

[...] na estelar coorte,  
como recordação da festa diurna [do gozo da vida],  
geme a pungente orquestração noturna

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

e chora a fanfarra triunfal da Morte<sup>6</sup>,

contemplando o cunhado Paulo, o qual lhe pareceu fazer “tenção de parar e voltar-se”. Mas, “a figura de branco aconchegou-o mais de si, trouxe-lhe a cabeça ao peito carinhoso, e ambos, sempre enlaçados, desapareceram entre a ramagem do pomar” (CRULS, “O noturno n° 13”, 1951, p. 23).

Assim, considerando os acontecimentos do presente da história narrada, o inferno é desfeito enquanto uma figura do imaginário é transportado para a realidade política, econômica e sociocultural das pessoas, logo, da realidade histórica, tornando-se uma metáfora ampliada ou alegoria representada capaz de deformar uma dada realidade, transtornando-a outra. Dessa forma, Paulo conduz a própria família a um inferno que ele mesmo criou, reificando a vida de desatinos a que muitos dos nascidos sob a letargia cultural estarão sempre infensos. Não é, pois, a morte física que arrasta as pessoas de realizações humanas como o sentimento (senão duradouro ao menos significativo) da felicidade, e ainda de juízos inalienáveis como o conhecimento e a liberdade. Tal deslocamento do homem em relação aos sentimentos e juízos essenciais à vida se dá com a apatia, a arrogância e o egoísmo do indivíduo para com ele próprio e da sociedade para consigo mesma. Não foi justamente essa a postura ostentada por Paulo em face do seu presente histórico? Portanto, trata-se da morte do espírito inocente, em que o espírito de luz é substituído por um espírito de trevas no qual reina a descrença na superação dos infortúnios, na reconstrução da vida, no sentimento do prazer e da beleza. De fato, baseando-se no presente histórico seu contemporâneo, o esteta decadente sugere que a *descrença* é o nome do seu canto, e canta que embora sua consciência da vida e do mundo tenha-lhe ceifado as “ilusões pelas raízes” (2° verso, quadra 5, hino IV) é ainda de “ilusões” que se nutre (3° verso, quadra 6, hino IV).

Com efeito, do intercâmbio sócio histórico entre pelo menos os últimos três decênios do século XIX e o primeiro quarto fracionário do século XX, precipitaram-se pensamentos de vida sensaborã que fazem retomar os versos de Augusto dos Anjos não para lhes assinalar a contradição, e sim o fato de que a contradição humana é a alegoria da existência institucionalizada do homem, sendo-lhe pois um abjeto auto-recriminado mas inarredável. A propósito, apesar da autoevocação do poeta, anáforo-eloquente:

Ergue, pois, poeta, um pedestal de tanta  
treva e dor tanta, e num supremo e insano  
e extraordinário e grande e sobre-humano

<sup>6</sup> (AUGUSTO DOS ANJOS, “Hino V”, *Idealizações*, 2005, p. 187).

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

esforço, sobe ao pedestal, e... canta!

(AUGUSTO DOS ANJOS, “Hino IV”, *Idealizações*, 2005, p. 187)

— ele sabia que a reverberação da descrença nos fundamentos da sociedade, a despeito de produzir esclarecimentos, produziria ainda outras descrenças: como a da crença de que uma vez conhecida a verdade a vida não seja uma mentira. Então, se gratuita em seu princípio ígneo, mas não gratuitamente quanto ao como retorna dos receptores, a narrativa de “O noturno n° 13” se abre com a epigrafia de uma das falas cênicas de Miranda para o drama *The Tempest*, de Shakespeare:

Miranda:

'Tis far off;

And rather like a dream than an assurance

That my remembrance warrants.

SHAKESPEARE, “The Tempest”, Act I, Scene X.

Vimos, conquanto, o primeiro dos retratos propostos neste caderno; um retrato talvez do primeiro e por isso sombrio contato do brasileiro da fotosfera finissecular XIX-XX com a sua realidade de nação pós-colonial a caminho da neocolonização, do que vislumbraram-se alguns dos traços estereotipados de sujeito e sociedade sob a potestade de símbolos imperiais como a religião e a tradição cultural importada – então pseudocultura, cujo retrato espera *desmascará-lo* em mais um recorte ou fratura.

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. São Paulo: Martin Claret, 2005. (Coleção A obra-prima de cada autor)
- \_\_\_\_\_. **Obra completa**. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira)
- BAUDELAIRE, Charles. Projéteis. **Poesia e prosa**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- \_\_\_\_\_. **As Flores do Mal**. 2 ed. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Organização de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. **Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BERLANT, Laurent; WARNER, Michael. Sexo em Público. In: JIMÉNEZ, Rafael M. M. (Editor) **Sexualidades Transgressoras**. Barcelona: Içaria, 2002.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Thompson** (Bíblia de Referência com versículos em cadeia temática). 16ª impressão. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. **Quadros literários fin-de-siècle: um estudo de Às avessas, de Joris-Karl Huysmans**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- CRULS, Gastão L. **Contos reunidos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- CRUZ E SOUSA, João da. **Poesias completas**. [S. n.]: Ediouro, [19?]. (Coleção Prestígio)
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2005.
- FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Coleção Standard Brasileira)
- \_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- \_\_\_\_\_. **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Tradução sob direção e revisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Uma nota sobre o “Bloco Mágico”. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira)

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

HUYSMANS, Joris-Karl. **Às Avessas**. Tradução e estudo crítico de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MOISÉS, Massaud. **Presença da literatura portuguesa III: Romantismo – Realismo**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1970.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Obras Incompletas**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antonio Candido. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PAES, José Paulo. **Transleituras**. São Paulo: Ática, 1995.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: \_\_\_\_\_. **Texto/Contexto I**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. Quase. In: \_\_\_\_\_. **Obra Completa**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e Representação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Crítica da filosofia Kantiana, 3ª parte)



**SEMINÁRIO CIENTÍFICO E CULTURAL DA AJES  
FACULDADE DO NORTE DE MATO GROSSO**

*Ano 2019*

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**